

Versão Online

ISBN 978-85-8015-053-7

Cadernos PDE

VOLUME II

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS  
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
Produção Didático-Pedagógica

2009

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE  
NÚCLEO REGIONAL DE CURITIBA  
FAFIPAR  
ÁREA: LITERATURA E ENSINO

SONIA REGINA ALMEIDA

ENSINO DA LITERATURA A PARTIR DE NARRATIVAS LONGAS

CURITIBA

2010

SONIA REGINA ALMEIDA

PRODUÇÃO DIDÁTICA: ENSINO DA LITERATURA A PARTIR DAS  
NARRATIVAS LONGAS

Material didático para implementação na escola do professor PDE, apresentado à Secretaria de Estado da Educação, superintendência da Educação como requisito parcial para avaliação do Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná-PDE, orientado pelo Professor Dr. Moacir Dalla Palma.

CURITIBA

2010

**PROJETO: AULAS DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: MOMENTOS PARA PENSAR A SOCIEDADE E COMPREENDER A VIDA.**

**MATERIAL DIDÁTICO: UNIDADE DIDÁTICA A PARTIR DE NARRATIVAS LONGAS**

**CONTEÚDOS:** Atividades de Oralidade, Leitura e Escrita a partir da leitura e análise de narrativas longas: Leitura e análise de dois textos informativos e argumentativos, poéticos e literários; debates orais; uso do dicionário, polissemia e variação linguística; produções escritas diversas.

**JUSTIFICATIVA:**

Este material é parte de um projeto que tem por objetivo central investigar e propor encaminhamentos para o ensino da literatura no Ensino Médio. Para tanto, realizou-se uma pesquisa diagnóstica na escola, na qual se percebeu a recusa dos alunos em relação à leitura de textos mais longos e elaborados (denominados de clássicos). Mas também se constatou que a maioria deles que conseguiu participar de um trabalho mais efetivo com a leitura de alguma obra indicada pela escola, acabou gostando. A crítica sociológica veio a contribuir decisivamente para as questões do ensino no seu entendimento do texto literário como dialógico, abrindo-se em rede para uma análise simultaneamente imanente à própria obra e aos seus contextos de produção.

A noção bakhtiniana de gêneros discursivos, por exemplo, rompe com a dicotomia interior e exterior e propõe o trabalho com os gêneros que, em si mesmos dialógicos, põem-se em diálogo com outros gêneros sincronicamente e diacronicamente, integrados à sociedade e à cultura. Nessa mesma perspectiva, Antonio Candido analisa e defende a literatura como direito humano e necessidade para o jovem e para o país. De nada adianta o aluno “definir” literatura ou saber todas as características dos diferentes estilos e autores, se não tiver contato direto com os próprios textos literários integrais. Sem esse “mergulho” diretamente na obra literária, a literatura torna-se um conteúdo vazio, sem significado para os alunos.

Cabe ao professor estar incentivando e motivando os alunos para um trabalho efetivo a partir das narrativas. Essa unidade didática visa propiciar aos professores

subsídios para a prática pedagógica, a partir de um clássico: *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. Apresenta-se sugestão com encaminhamentos de atividades para o professor a partir da leitura de uma narrativa longa no Ensino Médio, o que pode servir de apoio para o professor, que também poderá adaptar as atividades para outras narrativas. Não se tem a pretensão de esgotar o assunto, nem se mostrar definitivo porque à medida que o trabalho for sendo desenvolvido na escola, outros encaminhamentos aparecerão porque obra literária se presta a inúmeras possibilidades.

Pensou-se em articular o trabalho com este tipo de gênero literário às atividades de leitura, oralidade e escrita, integrando-as interdisciplinarmente com as outras áreas do ensino. No centro de todo o trabalho está a obra literária que estabelecerá pontes com os outros conteúdos de Língua Portuguesa e outras disciplinas, tais como a Filosofia, a Sociologia, a Geografia, a História, a Biologia.

As Diretrizes Curriculares atentam:

o professor não ficará preso à linha do tempo da historiografia, mas fará a análise contextualizada da obra, no momento de sua produção e no momento de sua recepção. Utilizará, no Ensino Médio, correntes da crítica literária mais apropriadas para o trato com a Literatura como: os estudos filosóficos e sociológicos, a análise do discurso, os estudos culturais entre tantos outros que podem enriquecer o entendimento da obra literária (DCEs Língua Portuguesa, 2009, p. 76-77).

Como o texto literário é discursivo por excelência e comporta a discussão de variadas temáticas sociais, antes de qualquer trabalho de análise é preciso investigar quais são os horizontes de expectativa dos alunos e motivar a leitura para ajudá-los a transporem barreiras, motivando-os a pensar as temáticas oferecidas pelo livro. Para isso, o professor poderá confeccionar uma caixa com materiais didáticos para cada livro que vai sendo trabalhado (com fotos, jogos, personagens, etc.), enriquecendo seu trabalho. Como o trabalho com a leitura em geral na escola obtém sucesso a longo prazo, é importante levar à sala de aula caixas de leitura, com livros variados que servem para estimular o trabalho com a literatura.

## OBJETIVOS :

Propiciar subsídios ao trabalho do professor com os clássicos da literatura brasileira.

Motivar os alunos para a leitura do livro

Contextualizar a problemática do livro relacionando o ontem e o hoje.

Relacionar as atividades de leitura, oralidade e escrita a partir da temática apresentada pela obra literária.

## RECURSOS DIDÁTICOS:

Texto 1: “*Favelas*”. Livro Didático Público de Geografia, Pág. 47.

Texto 2: Trechos do livro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, Cap.1

Texto 3: “*Espaço urbano: o caso do Rio de Janeiro*”. Livro Didático Público de Geografia, pág. 91.

Texto 4: Letra da música “*Saudosa maloca*”, de Adoniran Barbosa.

Dicionários da Língua Portuguesa

DVD do filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, 2002, ou cenas do filme *O cortiço*, *Cidade de Deus* e *lundus*, retiradas do *youtube* a serem apresentadas na TV *pendrive*.

Livros: AZEVEDO, Aluísio. ***O Cortiço***. 16. ed. São Paulo: Ática, 1986.

Adaptações de *O cortiço*: LOUZEIRO, José. ***O Cortiço***. São Paulo: Scipione, 1999.

ANTONIELLI, R; VILACHÁ, F. ***O cortiço em quadrinhos***. São Paulo: Escala Educacional, 2007.

ROSA, R; JAF, I. ***O Cortiço em quadrinhos***. São Paulo: Ática, 2009.

LINS, Paulo. ***Cidade de Deus***. 2ed.São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.

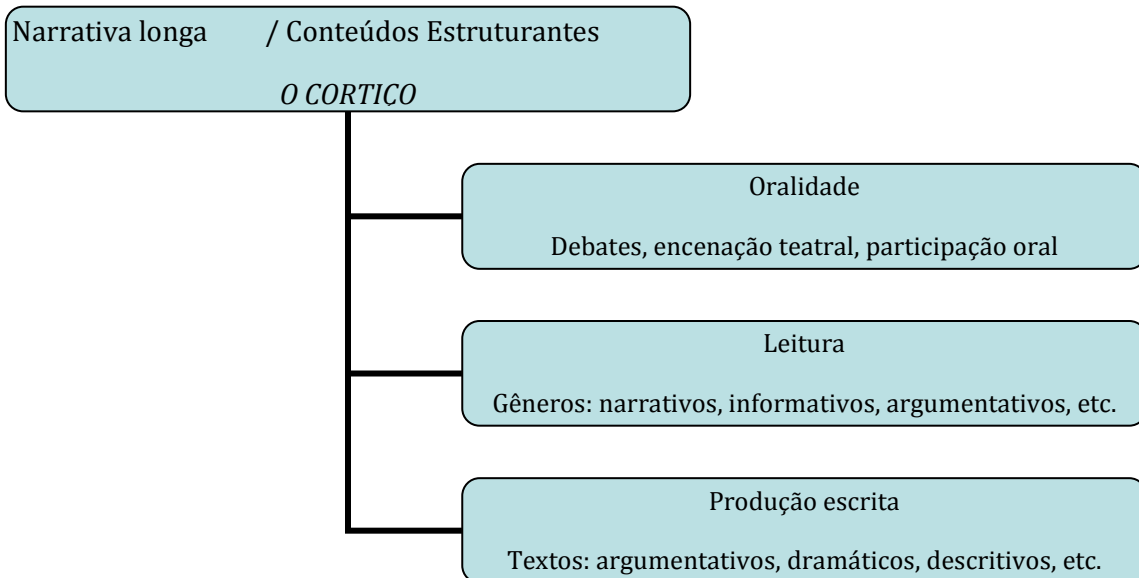
ANTONIO, João. Paulinho perna-torta. In: \_\_\_\_\_. ***Leão de Chácara***. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

ASSIS, M. Pai contra mãe. In: \_\_\_\_\_. ***Contos***. São Paulo: Ática, 1988.

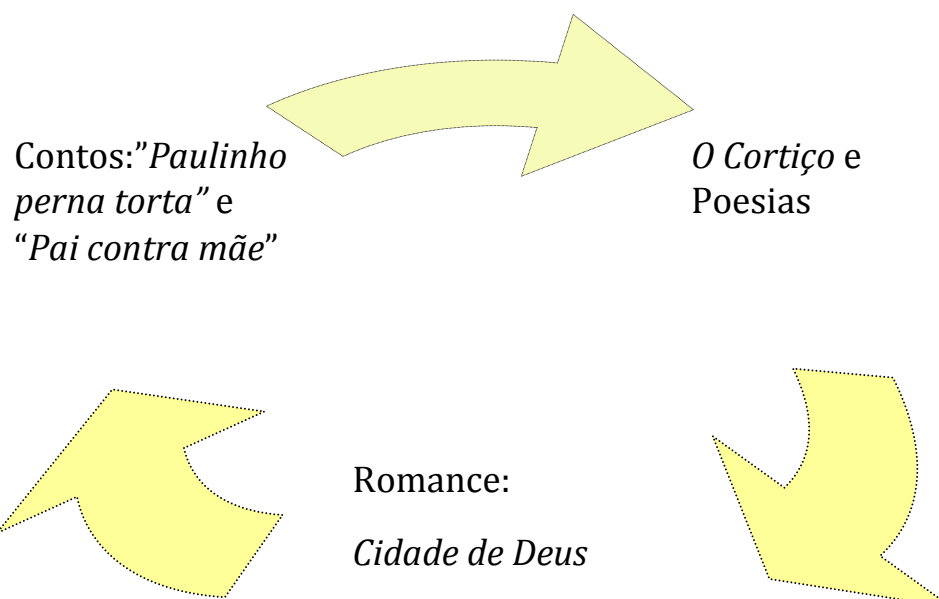
Xerox coloridas de ilustrações, material para confecção de personagens para teatro de varetas, cópias dos textos para os alunos da classe.

Uso da TV *pendrive* e do laboratório de informática para pesquisas

## ESQUEMA DE CONTEÚDOS:



## Gêneros Literários:



## DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS:

### 1. MOTIVANDO E CONTEXTUALIZANDO

Fazer a leitura do **Texto 1**: “*Favelas*” (Livro didático público de Geografia), fazendo comentários orais sobre seu conteúdo.

\*Com o auxílio do dicionário analisar os verbetes: favela e segregação.

\*Refletir com os alunos: O que há de comum entre esses dois termos?

\*Observar a polissemia do termo favela (habitação e nome de uma planta do nordeste), com a ajuda de um bom dicionário.

**Favela.** Sf.bras. conjunto de habitações populares, em geral toscamente construídas e usualmente deficientes de recursos higiênicos; bot. Planta das caatingas baianas.

\*Contrapor o verbe favela com a definição dada ao termo no texto.

**Texto 2:** Um livro maravilhoso sobre a vida nas favelas e que também discute o problema do tráfico de drogas é *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. Conhecemos mais o filme e o personagem Buscapé da série de TV, mas o livro traz na sua linguagem momentos de beleza e rara compreensão dos habitantes do conjunto habitacional que ficou conhecido como “Cidade de Deus”. O livro está dividido em três partes: “História de inferninho”, “história de Pardalzinho” e “História de Zé Miúdo”. Vamos ler um trecho deste livro. Lembre-se, porém, de que nem todas as favelas são dominadas pelo tráfico, nem o tráfico ocorre somente nestes espaços. O trecho abaixo parece uma oração, o autor invoca inspiração e prediz a natureza das histórias a serem contadas “aqui ele [o verbo] cambaleia baleado”, diz o autor Paulo Lins, que é, neste livro, um contador de histórias.

Poesia, minha tia, ilumine as certezas dos homens e os tons de minhas palavras. É que arrisco a prosa mesmo com balas atravessando os fonemas. É o verbo, aquele que é maior que o seu tamanho, que diz, faz e acontece. Aqui ele cambaleia baleado. Dito por bocas sem dentes nos conchavos de becos, nas decisões de morte. A areia move-se nos fundos dos mares. A ausência de sol escurece mesmo as matas. O líquido-morango do sorvete mela as mãos. A palavra nasce do pensamento, desprende-se dos lábios adquirindo alma nos ouvidos, e às vezes essa magia sonora não salta à boca porque é engolida a seco. Massacrada no estômago com arroz e feijão a quase-palavra é defecada ao invés de falada. Falha a fala. Fala a bala. (Lins, 2002, p.21)

Este trecho é rico para a análise, o professor fará a leitura com os alunos, podendo discutir porque ele recebe a denominação de “Poesia”. O que significa “arriscar a prosa mesmo com balas atravessando”? Qual a diferença de poesia e



prosa? Em “falha a fala”, seguido de “Fala a bala”, além da aliteração, discutir por que fala a bala (note-se a inversão) quando a fala falha? O que será que vai ser dito na história que comprova que o discurso, a fala, o *logos* falhou? O professor pode também analisar com os alunos um outro texto do livro, retirado do capítulo 1, que retrata o início da povoação do espaço antes chamado de “Portugal pequeno” e que se transformou no bairro “Cidade de Deus”, desmembramento do bairro de Jacarepaguá, região oeste do Rio de Janeiro, em 1960:

Cidade de Deus deu a sua voz para as assombrações dos casarões abandonados, escasseou a fauna e a flora, remapeou Portugal Pequeno e renomeou o charco: Lá em Cima, Lá em Frente, Lá Embaixo, Lá do Outro Lado do Rio e Os Apês.

Ainda hoje, o céu azul e estrelece o mundo, as matas enverdecem a terra, as nuvens clareiam as vistas e o homem inova avermelhando o rio. Aqui agora uma favela, a neofavela de cimento, armada de becos-bocas, sinistros-silêncios, com gritos-desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas.

Os novos moradores levaram lixo, latas, cães viralatas, exus e pombagiras em guias intocáveis, dias para se ir à luta, soco antigo para ser descontado, restos de raiva de tiros, noites para velar cadáveres, orixás enroscados em pescoços, frango de despacho, samba de enredo e sincopado, jogo do bicho, fome, traição, mortes, Jesus cristos em cordões arrebatados, forró quente para ser dançado, lamparina de azeite para iluminar o santo, fogareiros, pobreza para querer enriquecer, olhos para nunca ver, nunca dizer, nunca olhos e peito para encarar a vida, despistar a morte, rejuvenescer a raiva, ensangüentar destinos, fazer a guerra e para ser tatuado. Foram atiradeiras, revistas Sétimo Céu, panos de chão ultrapassados, ventres abertos, dentes cariados, catacumbas incrustadas nos cérebros, cemitérios clandestinos, peixeiros, padeiros, missa de sétimo dia, pau para matar a cobra e ser mostrado, a percepção do fato antes do ato, gonorréias mal curadas, as pernas para esperar ônibus, as mãos para o trabalho pesado, lápis para as escolas públicas, coragem para virar a esquina e sorte para o jogo de azar. Levaram também as pipas, lombo para polícia bater, moedas para jogar porrinha e força para tentar viver. Transportaram também o amor para dignificar a morte e fazer calar as horas mudas.

Por dia, durante a semana, chegavam de trinta a cinquenta mudanças do pessoal que trazia no rosto e nos móveis as marcas das enchentes. Estiveram alojados no estádio de futebol Mário Filho e vinham em caminhões estaduais cantando:

“Cidade Maravilhosa, cheia de encantos mil...”

Em seguida, moradores de várias favelas e da Baixada Fluminense habitavam o novo bairro, formado por casinhas fileiradas brancas, rosa e azuis. Do outro lado do braço esquerdo do rio, construíram os Apês, conjunto de prédios de apartamentos de um e dois quartos, alguns com vinte, outros com quarenta apartamentos, mas todos com cinco andares. Os tons vermelhos do barro batido viam novos pés no corre-corre da vida, na disparada de um destino a ser cumprido. O rio, a alegria da molecada, dava prazer, areia, rã e muçum, não estava de todo poluído. (Lins, 2002, p. 16-17)

- Em relação ao texto acima, o professor pode, entre outras, explorar a maneira como o narrador descreve o que os novos moradores trouxeram à região como itens da própria identificação social e cultural dos moradores que vão transformando os espaços. Poderíamos depois, comparar tais descrições com a descrição do cortiço feita por Aluísio Azevedo, do surgimento dele no capítulo 1 à sua transformação, descrita no capítulo 22, transformação esta que

acompanha a vida dos moradores do cortiço do início e do final do livro. Ir mostrando aos alunos que a temática que foi discutida pelo autor de *O cortiço* no século XIX continua atual.

- Pode-se também apresentar trechos do filme *Cidade de Deus* (2002, 135 minutos), questionando os alunos para perceberem o tipo de relações existentes entre os personagens, tentando observar também as diferenças entre a linguagem do filme e a do livro.
- Na *Internet*, procurando no *google* por “Cidade de Deus”, o professor pode encontrar um resumo do filme, comentários, bem como recuperar algumas cenas no *Youtube*.

Após as atividades, relacionando o livro com filme *Cidade de Deus*, é importante agora, discutir o passado no texto 3: “*Espaço urbano: O caso do Rio de Janeiro*”, retirado do livro didático público de Geografia (p. 91 a 94).

Questões a serem exploradas pelo professor (Oralidade):

1. Segundo o texto, o que eram os cortiços do século XIX?
2. Por que os cortiços proliferaram-se rapidamente no Rio de Janeiro?
3. Em consequência da falta de saneamento, que doenças assolavam a cidade?
4. O que fez o prefeito Francisco Pereira Passos (Rio de Janeiro, 1904)?

A partir da leitura deste texto, em trabalho interdisciplinar com a disciplina de Biologia em relação às doenças febre amarela, peste bubônica, varíola, tuberculose e, em História sobre a “revolta da vacina”, ocorrida no século XIX. Quanto à gravidade da doença “febre amarela”, ocorrem duas passagens em *O cortiço*: a febre de Jerônimo, que tem que ser internado em hospital (cap.VII) e a morte de dois italianos do cortiço em consequência da febre (cap. XIII).

Se o texto 3, por suas características informativas, preocupou-se mais com dados históricos, o texto a seguir (4) vai explorar o sentimento de uma pessoa ao ver sua casa ser demolida, estamos no campo da literatura. Os alunos farão a audição da música e análise da letra de Adoniran Barbosa, “Saudosa maloca”, de 1955. (Ver coleção Folha “Raízes da Música Popular Brasileira, livro 7).

- Procurar analisar o sentimento do eu-poético ao ver sua “casa” ser demolida.
- Explorar a variação linguística nas palavras da letra da música.

- Podemos também trabalhar com trecho do capítulo XI de *O Cortiço*, em que, a velha Marciana ao ser despejada e não aguentar a fuga da filha, Florinda, enlouquece:

Com a pobre Marciana, que não tratara de despejar o número 12, conforme a intimação da véspera, a sua fúria tocou ao delírio. A infeliz, desde que Florinda lhe fugira, levava a choramingar e maldizer-se, monologando com persistência maníaca. Não pregou o olho durante toda a noite; saíra e entrara na estalagem mais de vinte vezes, irrequieta, ululando, como uma cadela a quem roubaram o cachorrinho.

Estava apatetada: não respondia às perguntas que lhe dirigiam. João Romão falou-lhe; ela nem sequer se voltou para ouvir. E o vendeiro, cada vez mais excitado, foi buscar dois homens e ordenou que esvaziassem o número 12.

- Os tarecos fora! E já! Aqui mando eu! Aqui sou eu o monarca!

- Não! Aqui dentro não! Tudo lá fora! Na rua! Gritou ele, quando os carregadores quiseram depor no pátio os trens de Marciana. Lá fora do portão! Lá fora do portão!

Principiou o despejo.

E a mísera, sem opor uma palavra, assistia ao despejo acorada na rua, com os joelhos juntos, as mãos cruzadas sobre as canelas, resmungando. Transeuntes paravam a olhá-la. Formava-se já um grupo de curiosos. Mas ninguém entendia o que ela rosnava; era um rabujar confuso, interminável, acompanhado de um único gesto de cabeça, triste e automático. Ali perto, o colchão velho, já roto e destripado, os móveis desconjuntados e sem verniz, as trouxas de molambos úteis, as louças ordinárias e sujas do uso, tinham tudo amontoado e sem ordem, um ar indecoroso de interior de quarto de dormir, devassado em flagrante intimidade. E veio o homem dos cinco instrumentos que, aos domingos, aparecia sempre; e fez-se o entra e sai dos mercadores; e lavadeiras ganharam a rua em trajos de passeio, e os tabuleiros de roupa engomada, que saíam cruzaram-se com os sacos de roupa suja, que entravam; e Marciana não se movia do seu lugar, monologando. João Romão percorreu o número 12, escancarando as portas, a dar arres e empurrando para fora, com o pé, algum trapo, ou algum frasco vazio que lá ficara abandonado; e a enxotada, indiferente a tudo, continuava a sussurrar funebremente. Já não chorava, mas os olhos tinha-os ainda relentados na sua muda fixidez. Algumas mulheres da estalagem iam ter com ela de vez em quando, agora de novo compungidas, e faziam-lhe oferecimentos; Marciana não respondia. Quiseram obrigá-la a comer, mas não houve meio. A desgraçada não prestava atenção a coisa alguma, parecia não dar pela presença de ninguém. Chamaram-na pelo nome repetidas vezes; ela persistia no seu ininteligível monólogo, sem tirar a vista de um ponto. (AZEVEDO, 1980, cap.XI)

Esse trecho, se for o caso, pode ser contraposto ao final de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, na passagem em que o personagem central, Rubião, mostra “indícios” de loucura. Descreve o sofrimento de uma senhora cuja loucura é explicada pela perda de tudo.

Cabe lembrar aqui que todos esses textos acima têm como objetivo principal contextualizar a temática de *O cortiço*, trazendo a discussão para nossos dias e motivar os alunos para a leitura do livro.

## **2. INICIANDO A LEITURA DE O CORTIÇO**

Agora que os alunos já sabem sobre o surgimento das primeiras favelas no Rio de Janeiro, capital do Brasil no século XIX, convidar os alunos a lerem a obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, escrita em 1890, sobre essa realidade, percebendo que a literatura vai além da História porque destaca as relações e sentimentos das pessoas. A partir da leitura dos textos anteriores e da discussão realizada a partir deles, os alunos devem ter percebido a diferença entre os textos 1 e 3 (informativos) e 2 e 4 (literários). Também estão mais preparados para entender as questões do livro, comparando-as com as da realidade atual. Além disso, é preciso considerar que o livro em questão não discute apenas a problemática da ocupação urbana. Ele é material rico para se pensar as relações sociais da época, a escravidão e o problema da negritude enquanto raça e a questão da sexualidade numa visão em que “o meio determina o homem”, trazida pelos autores naturalistas, a observação dos costumes da época como, por exemplo, as profissões dos personagens, suas crenças e festas populares, colocando em contraste brasileiros e portugueses, brancos e negros, e principalmente, ricos e pobres.

Usando a metáfora de Umberto Eco de “bosque” para as narrativas de ficção, diante desse bosque é possível várias atitudes: pode-se entrar, aprender vários caminhos e deliciar-se com suas belezas. Podemos também entrar por um caminho e chegar rapidinho à saída. Mas há também aqueles que têm medo de entrar no bosque e nunca entram, não se permitindo nenhum contato com as narrativas. O ideal de leitor seria o da primeira atitude, mas a maioria dos alunos ainda não têm um percurso na leitura, têm medo de entrar no bosque da ficção.

Num primeiro momento, portanto, cabe ao professor convidar os alunos a entrar no bosque, motivar a leitura, instigando a imaginação, fazendo inferências com a realidade dos alunos para que esses possam dar os primeiros passos.

Como o “choque” com a linguagem e vocabulário do século XIX é muito grande para alunos que não tem rico repertório de leitura, sugerimos num primeiro

momento a leitura da adaptação desta obra, que contém como a original, vinte e três capítulos. Para não ficar cansativa, esta leitura será simultânea às atividades com o livro a partir do original, cabendo ao professor fazer com que os alunos percebam as diferenças entre eles. Calcula-se a leitura de dois ou três capítulos por aula, terminando o enredo em sete aulas. Mas é importante fazer os alunos compreenderem que sem a leitura do original, eles perderão “as delícias, as nuances” do bosque, conforme afirmávamos.

Intercalando essas aulas de leitura em sala de aula, pode-se usar a TV *pendrive* para passarmos cenas de *O cortiço*, disponíveis no *youtube*. Existem duas versões do filme *O cortiço*, a primeira, de 1945, de direção de Luiz de Barros é bem pouco conhecida. A versão de 1978 tem a direção de Francisco Ramalho Jr. (110 minutos) e está disponível na Internet, mas pareceu-nos cansativo passar o filme todo. Há também no mercado duas edições da obra em quadrinhos, as quais podem servir de apoio ao professor para conseguir com que os alunos entendam melhor a leitura do livro original, pode-se fotocopiar algumas cenas para fixá-las melhor.

- A turma pode ser dividida em grupos ou ainda, respeitando-se a ordem das fileiras da classe, podemos dar um livro para cada fila, respeitando as temáticas desenvolvidas até agora. É possível trabalharmos com *O cortiço* (o original), *Cidade de Deus* e o conto “Paulinho perna torta”. Os alunos levam o livro para casa e leem no mínimo um capítulo para a próxima aula de leitura. A cada capítulo lido, o aluno contará a história para o restante dos alunos da sua fileira e passará o livro ao aluno seguinte. Enquanto as leituras vão sendo feitas, continua-se o trabalho em sala de aula, explorando o livro.

Esquema da sequência narrativa do livro nos seus vinte e três capítulos para auxiliar o professor:

Cap. 1 – Juventude de João Romão, o encontro com Bertoleza e o “surgimento” do cortiço no bairro do Botafogo, Rio. Miranda e sua família, a primeira discussão entre João Romão e Miranda.

Cap. 2 – Descrição dos personagens do sobrado ao lado do cortiço.

Cap. 3 - Registro dos outros personagens do cortiço. O amanhecer no cortiço.

Cap. 4 – Chegada ao cortiço do cavouqueiro Jerônimo e descrição da pedreira. Rotina do cortiço.

Cap. 5 – O português Jerônimo e sua mulher Piedade.

Cap. 6 - Domingo no cortiço. Chega Rita Baiana. “Pombinha”, a escrevente de cartas.

Cap. 7 - O mulato Firmo. Fados e pagodes: festa e cantoria. Jerônimo encontra Rita.

Cap.8 - Jerônimo pega “febre amarela”. Escândalo de Leocádia e Henriquinho. Bruno expulsa Leocádia.

Cap.9- Transformação lenta de Jerônimo: “abrasileirou-se”. Senhora Paula, a bruxa, a “benzedeira” popular. A gravidez de Florinda por Domingos. Visita da “francesa” Leónie.

Cap. 10 – Miranda recebe o título de barão, festa no sobrado. A briga no cortiço: a luta entre Jerônimo e Firmo. Inveja de João Romão. A loucura da velha Marciana, que é despejada e tenta incendiar o cortiço.

Cap. 11 – Incêndio no cortiço. Jerônimo é ferido por Firmo. Leónie acedia Pombinha.

Cap. 12 – Pombinha menstrua e marca-se seu casamento. Escrevendo cartas, Pombinha apreende as desgraças do cortiço, com seu casamento, ela e a mãe partem do cortiço.

Cap. 13 – Crescimento de outro cortiço na mesma rua: “o Cabeça-de-gato”. Transformações no comportamento de João Romão e sua inesperada “amizade” com Miranda.

Cap. 14 – O ciúme de Firmo. Jerônimo e amigos tramam vingar-se de Firmo.

Cap. 15 – Jerônimo, Pataca e Zé Carlos matam Firmo a pauladas e jogam o corpo ao mar. Jerônimo procura Rita e assumem sua paixão.

Cap. 16 – Piedade procura pelo marido, que foge do cortiço. Piedade e Rita se agarram aos tapas.

Cap. 17 – Os moradores do “Cabeça de gato” querem vingança e invadem o cortiço de João Romão. Paula, a bruxa, enlouquece, põe fogo no cortiço novamente e morre no incêndio. Chegam os bombeiros, aclamados por todo o cortiço.

Cap. 18 – Na confusão do incêndio, Rita foge do cortiço. João Romão sorrateiramente rouba as garrafas de dinheiro de Libório, que morre no incêndio. Piedade cai de cama. Uma criança, filha de Augusta, morre esmagada pelo povo. João Romão embolsa quinze contos e quatrocentos e tantos réis.

Cap. 19 – João Romão começa a reconstrução da estalagem. Recebe visitas frequentes dos “amigos” Miranda e Botelho. João Romão, com interesse em Zulmirinha, despreza Bertoleza. Rita e Jerônimo se amigam e Piedade é desprezada e humilhada.

Cap.20 - Piedade embebedada-se, degradando-se na frente da filha.

Cap.21- João Romão, influenciado por Botelho trama como se livrar de Bertoleza. Ele transforma-se e só pensa em um título de conde. Zulmirinha aceita um casamento com João Romão. Morre Agostinho, filho da Machona.

Cap.22 - Depois de dois anos casada, Pombinha trai o marido com um libertino e ela torna-se prostituta, indo morar com Léonie. O cortiço aristocratizava-se. Florinda volta a morar no cortiço, sua mãe morrera no Hospício.

Cap.23 - Pombinha apadrinha Senhorinha, a filha de Jerônimo e Piedade, candidata a nova prostituta. Bertoleza suicida-se quando descobre que voltaria a ser escrava e que fora enganada por João Romão. Ironicamente, João Romão ganha um diploma de sócio benemérito por uma comissão abolicionista.

### **3. CARACTERIZANDO AMBIENTE E PERSONAGENS**

1. Após a leitura dos primeiros capítulos do livro original de Aluísio Azevedo, dividir a turma em grupos para elaborar a caracterização dos personagens principais do livro: João Romão e Bertoleza; descrição do cortiço e do sobrado; industrialização na época/fábrica de macarrão e de velas , descrição dos personagens do sobrado: Miranda, Estela, Zulmirinha, Isaura, Leonor, Henrique, Valentin e Botelho. Outros personagens do cortiço: Nhá Dunga, Leonor, Leandra, Ana das Dores, Nenen, Agostinho, Augusta Carne-mole, soldado Alexandre, Leocádia, ferreiro Bruno, Firmo, Rita Baiana, Piedade, Albino, Pombinha, Dona Isabel, Marciana, Florinda, Paula. Descrição do quarto de Bertoleza. Além da prostituta Léonie. Com base nas descrições que deverão ser buscadas no livro original, os alunos dividirão as tarefas entre si, desenhando, em papel cartão de 12 cm, todos os personagens do livro, pintando-os, recortando-os e fixando-os a varetas para posterior utilização em teatro, cujo texto será escrito pelos alunos a partir das cenas do livro.

Os alunos deverão ler as descrições retiradas do livro e desenhar de acordo com o texto. Esta atividade pode ser auxiliada pelas cenas das edições em

quadrinhos da Editora Escala Educacional e da Editora Ática, cujos personagens poderão ser fotocopiados e distribuídos aos grupos de alunos, sendo que cada grupo se incumbirá de tarefas diferentes.

2. Pesquisar quanto corresponderia hoje o dinheiro que Bertoleza pagava a seu dono. (Réis e contos de réis)
3. Produção textual 1: Anúncios classificados. A partir de anúncios de venda e compra de escravos no século XIX, (o professor pode encontrar exemplos em livros didáticos de História) discutir com os alunos a ideologia que sustentava tais procedimentos. Elaborar anúncios para alugar aposentos no cortiço de João Romão.
4. Produção textual 2: Texto de teatro. Em grupos, escolher cenas do livro original e adaptá-las, elaborando um pequeno texto de teatro para ser dramatizado no “teatro de varetas”. Se a escola não possuir um mini-teatro desmontável para fantoches, pode-se organizar um com caixa de papelão. Os alunos podem “interpretar” as falas dos personagens, segurando as varetas com o “seu” personagem, apresentando uma cena adaptada do livro aos nossos dias à classe.

A partir da Leitura do capítulo 3, podemos observar:

- Os recursos estilísticos utilizados para descrever o Cortiço acordando, uso das sinestésias, como o autor compara os personagens a animais. Este capítulo pode ser também usado como contrapondo à descrição de Paulo Lins feita no texto apresentado anteriormente.
- Questões para revisão:
- Após ganhar 1 conto e quinhentos o que fez João Romão para poupar dinheiro?
- Qual foi a mentira de João Romão para enganar Bertoleza?
- O que Bertoleza depois de amigada com João Romão era obrigada a fazer?
- O que acontecera ao “dono” de Bertoleza? O que significa “alforria”?
- Como João Romão construiu o Cortiço?
- Por que Miranda suportava os deslizes da mulher?

#### **4. DEBATENDO A QUESTÃO DE RAÇA E NEGRITUDE**

- A) Em artigo, cujos trechos apresentamos no final dessa unidade, o professor Antonio Candido inicia comentando e contrapondo a discussão de *O cortiço* a



um ditado popular humorístico da maior brutalidade que corria no Rio de Janeiro do final do século XIX: “Para português, negro e burro, três pés: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar”. Candido comenta que esse ditado que serve de pano de fundo para entendermos melhor a leitura de *O cortiço*. Oswald de Andrade aproveitou esse ditado e construiu o poema “Mais valia”. O professor, auxiliado por Candido pode iniciar o debate com a discussão desse poema.

B) A seguir, pode-se fazer a discussão na sala dos seguintes trechos, retirados do livro *O cortiço*:

“Bertoleza procurava um homem de raça superior à sua” (cap. I )

“Rita preferiu no europeu o macho de raça superior”  
(Cap.XV)

C) O livro todo sugere a discussão da questão da escravidão no Brasil, atrelada a questões econômicas e ideológicas burguesas. O autor denuncia uma visão da época sobre o negro e sobre as raças com base em quê? Por que Bertoleza, sendo negra e escrava, queria casar-se com um branco e ela mesma se “considerava” inferior? Por que essa menção do narrador à escolha de Rita? Para este debate, os alunos poderão pesquisar também, com ajuda do professor de Sociologia e História, a questão das teorias de Taine, comparando-os com outros trechos retirados de *O Cortiço*, a saber: falas do velho e preconceituoso Botelho. Note-se que em 1881, Aluísio Azevedo havia publicado o romance *O mulato*, cuja temática é o preconceito racial. Além disso, o professor pode explorar as temáticas típicas da concepção Naturalista de ver o mundo.

D) O professor poderá reler a descrição do velho Botelho no cap. 1 para ajudar na discussão oral. Pessoa amarga, na juventude, havia participado da Guerra do

Paraguai, negociado escravos e resmungava dizendo que o Brasil só servia para enriquecer os portugueses, e ele próprio era um “parasita”.

E) Produção textual 4: após toda a discussão, os alunos poderão escrever um texto de opinião sobre o assunto. Existem vários textos no livro público de Língua Portuguesa que aludem à questão da Negritude. Pode-se ler também o excelente conto de Machado de Assis: “Pai contra mãe”, que discute a questão.

## **5. ALGUNS COSTUMES DE ÉPOCA:**

- Trabalho e profissões do século XIX - Após a leitura dos capítulos iniciais do livro, listar com os alunos ou montar um painel com as profissões de ontem e de hoje, discutindo o seu prestígio social, percebendo as semelhanças e diferenças entre elas. Como exemplo, podemos citar: caixeiro; vendeiro; comerciante; taverneiro; quitandeiro; mascates ambulantes; freteiro (carroça); lavadeira; padeiro; soldados; ferreiro; carpinteiro; charuteiro; oficial de torneiro; macaqueiro; cavouqueiro. Observar as dificuldades do trabalho das lavadeiras e dos cavouqueiros, por exemplo. Perceber a importância da eletricidade em relação às facilidades da nossa vida hoje e a questão dos direitos trabalhistas.
- Dividir a turma em equipes e mostrar duas ilustrações das adaptações em quadrinhos (Jerônimo tocando e cantando um fado com a guitarra portuguesa e os batuques no cortiço). Observar as ilustrações, percebendo as diferenças. Pedir aos alunos para fazerem pesquisa sobre fado, a modinha, o batuque e o lundu. Esses ritmos foram precursores do samba e das primeiras escolas de samba, nascidas nos “morros” do Rio de Janeiro. No *youtube*, há pequenos vídeos sobre todos esses ritmos que, após a pesquisa, o professor poderá passar para os alunos. Em *O cortiço* vemos uma mistura de ritmos próprios das culturas portuguesa e brasileira. Segue, abaixo, alguns exemplos:

“E entre a alegria levantada pela sua reaparição no cortiço, a Rita deu conta de que pintara na sua ausência; disse o muito que festou em Jacarapaguá; o entrudo que fizera pelo carnaval. Três meses de folia! E, afinal abaixando a voz, segredou às companheiras que à noite teriam um pagodinho de violão. Podiam contar como certo!” (Cap. VI )

“Nisto começou a gemer a porta do 35 uma guitarra; era de Jerônimo. Depois da ruidosa alegria e do bom humor, em que palpitará àquela tarde toda a república do cortiço, ela parecia ainda mais triste e mais saudosa do que nunca: “Minha vida tem desgostos/que só eu sei compreender.../quando me lembro da terra/parece que vou morrer...”

E, com o exemplo da primeira, novas guitarras foram acordando. E por fim, a monótona cantiga dos portugueses enchia de uma alma desconsolada o vasto arraial da estalagem, contrastando com a barulhenta alacridade que vinha lá de cima, do sobrado do Miranda.”

Mas, de repente, o cavaquinho de Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas”.

- Trabalho sistematizado com o capítulo X do livro original, que, além de descrever uma festa no cortiço, relata a “luta” entre o português Jerônimo e o mulato Firmo, um capoeira, por causa da Rita Baiana. A luta é interrompida pela chegada da Polícia ao Cortiço.
- Após o trabalho com o capítulo acima, o professor poderá fazer a leitura com os alunos do Conto: “Paulinho perna torta”, história do surgimento de um “bandido” nos anos 60, comparando o personagem Firmo com “Paulinho ou Laércio Arrudão”. Se os alunos estiverem lendo *Cidade de Deus* também é possível uma rica discussão sobre o nascimento da “marginalidade” na região urbana do Rio de Janeiro.
- Esse conto, que juntamente com o livro *Cidade de Deus*, o conto “Pai contra mãe” e o livro *O cortiço* podem estar correndo pela sala para leituras, apresenta uma visão interessante da sociedade carioca dos anos 60/80 do século XX. Para melhor entendimento, recomenda-se a leitura da introdução ao livro *Leão de chácara*, da edição de referência nesse trabalho, escrita por Tania Macedo, na qual ela expõe a

visão de João Antonio da sociedade carioca entre “bacanas, otários, malandros e merdunchos”.

## **6. A ESCREVENTE DE CARTAS**

O cortiço apresenta também uma função explorada no filme *Central do Brasil*, de 1998, do diretor Walter Salles, em que Dora a personagem central, vivida pela premiadíssima atriz Fernanda Montenegro, escreve cartas para analfabetos na estação da Central do Brasil, no Rio de Janeiro. A personagem Pombinha é adorada por todos no Cortiço por escrever cartas. Essa função descreve melhor a personalidade de Pombinha, que vai se transformando no livro à medida que ela vai desde muito cedo, descobrindo os sofrimentos, os segredos daquela gente do cortiço. Veja-se como exemplo, trecho retirado do capítulo VI de *O cortiço*:

“Numa pequena mesa, coberta por um pedaço de chita, com o tinteiro ao lado da caixinha de papel, a menina escrevia enquanto o dono ou dona da carta ditava em voz alta o que queria mandar dizer à família ou a algum mau devedor de roupa lavada. E ia lançando tudo no papel apenas com algumas ligeiras modificações, para melhor, no modo de exprimir a idéia. Pronta uma carta, sobrescritava-a, entregava-a ao dono e chamava por outro, ficando a sós com um de cada vez, pois que nenhum deles queria dar o seu recado em presença de mais ninguém senão de Pombinha. De sorte que a pobre rapariga ia acumulando no seu coração de donzela toda a sùmula daquelas paixões e daqueles ressentimentos, às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro em dias de grande calor”.  
(Azevedo, 1986, cap.VI )

A comparação entre a personagem Dora do filme *Central do Brasil* e Pombinha, nas funções de escreventes de cartas pode proporcionar uma discussão sobre os problemas do analfabetismo no Brasil , as mudanças na trajetória de Pombinha em “O cortiço” . Pode-se estabelecer as diferenças entre uma história falada, carregada de oralidade e a história escrita. Pombinha tinha que fazer “adaptações” nas histórias relatadas oralmente para que estas pudessem se adequar à modalidade escrita.

## **7. A TRANSFORMAÇÃO DOS PERSONAGENS DE O CORTIÇO:**

Como os alunos devem estar lendo o livro original e já adiantados na leitura, para finalizar as discussões, propomos a comparação entre trechos do início do livro e do final para destacar a evidência naturalista da transformação dos personagens. Os próprios alunos vão percebendo como o ambiente e as condições sociais vão interagindo na vida dos diferentes personagens do livro, como por exemplo, João Romão, Jerônimo, Piedade e Pombinha, conforme destacamos a seguir:

A) transformação do próprio Cortiço:

---

### ANTES

E os quartos do cortiço pararam enfim de encontro ao muro do negociante. Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem.

Prontas, enfim, João Romão mandou levantar na frente, nas vinte braças que separavam a venda do sobrado de Miranda, um grosso muro de dez palmos de altura, coroado de cacos de vidro e fundos de garrafa, e com um grande portão no centro, onde se dependurou uma lanterna de vidraças vermelhas, por cima de um tabuleta amarela, em que se lia o seguinte escrito à tinta encarnada e sem ortografia: "Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras". (Azevedo, 1986, Cap. I)

---

---

### DEPOIS

E como a casa comercial de João Romão, prosperava igualmente a sua avenida. Já lá se não admitia assim qualquer pé-rapado; para entrar era preciso carta de fiança e uma recomendação especial. Os preços dos cômodos subiam, e muitos dos antigos hóspedes, italianos principalmente, iam por economia, desertando para o "Cabeça-de-gato" e sendo substituídos por gente mais limpa. Decrescia também o número das lavadeiras, e a maior parte das casinhas eram ocupadas agora por pequenas famílias de operários, artistas e de praticantes de secretaria. O cortiço aristocratizava-se. (Azevedo, 1986 cap. XXVI)

---

## B) João Romão

---

### ANTES

Proprietário estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se a labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lha, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um português cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade. (Azevedo, 1986, cap. I.).

---

---

### DEPOIS

Desde que o vizinho surgiu com o baronato, o vendeiro transformava-se por dentro e por fora a causar pasmo. Mandou fazer boas roupas e aos domingos refestelava-se de casaco branco e de meias, assentado defronte da venda a ler jornais. Depois deu para sair a passeio vestido de casimira, calçado e de gravata. Deixou de tosquiar o cabelo à escovinha; pôs a barba abaixo, conservando apenas o bigode, que ele agora tratava com brilhantina todas as vezes que ia ao barbeiro. Já não era mais o mesmo lambuzão! (Azevedo, 1986, cap. XXII.)

---

### C) Piedade

---

#### ANTES

A mulher chamava-se Piedade de Jesus; teria trinta anos, boa estatura, carne ampla e rija, cabelos fortes de um castanho fulvo, dentes pouco alvos, mas sólidos e perfeitos, cara cheia, fisionomia aberta; um todo de bonomia toleirona, desbotoando-lhe pelos olhos e pela boca numa simpática expressão de honestidade simples e natural. ... Piedade merecia bem o seu homem, muito diligente, sadia, honesta, forte, bem acomodada com tudo e com todos, trabalhando de sol a sol e dando sempre tão boas contas da obrigação, que os seus fregueses de roupa, apesar daquela mudança para Botafogo, não a deixaram quase todos. (Azevedo, 1986, cap. V.)

---

---

#### DEPOIS

Pobre mulher! Chegara aos extremos dos extremos. Coitada! Já não causava dó, causava repugnância e nojo. Apagaram-se-lhe os últimos vestígios de brio; vivia andrajosa, sem nenhum trato e sempre ébria, dessa embriaguez sombria e mórbida que se não dissipa nunca. O seu quarto era o mais imundo e pior de toda a estalagem; homens malvados abusavam dela, muitos de uma vez, aproveitando-se da quase completa inconsciência da infeliz. Agora o menor trago de aguardente a punha logo pronta; acordava todas as manhãs apatetada, muito triste, sem ânimo para viver. (Azevedo, 1986, cap.XXII.)

---

## D) Jerônimo

---

### ANTES

Era tão bom trabalhador como o era como homem. Viera da terra com a mulher e uma filhinha ainda pequena, tentar a vida no Brasil, na qualidade de colono de um fazendeiro, em cuja fazenda mourejou durante dois anos, sem nunca levantar a cabeça, e de onde afinal se retirou de mãos vazias e uma grande birra pela lavoura brasileira. (Azevedo, 1986, cap. V)

---

---

### DEPOIS

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abrazeirou-se. A sua casa perdeu aquele ar sombrio e concentrado que a entristecia; já apareciam por lá alguns companheiros de estalagem, para dar dois dedos de palestra na hora do descanso, e aos domingos reunia-se gente para o jantar. A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa; a carne seca e o feijão preto o bacalhau com batatas e cebolas cozidas. (Azevedo, 1986, cap. IX.)

---



## E) Pombinha

---

### ANTES

Pombinha era muito querida por toda aquela gente. Era quem lhe escrevia as cartas; quem em geral fazia o rol para as lavadeiras; quem tirava as contas; quem lia os jornais... Andava sempre de botinas ou sapatinhos com meias de cor, seu vestido de chita engomado; tinha as suas joiazinhas para sair à rua, e, aos domingos, quem a encontrasse a missa na igreja de São João Batista, não seria capaz de desconfiar que ela morava em cortiço. (Azevedo, 1986, cap V.)

---

---

### DEPOIS

Agora as duas cocotes (Pombinha e Léonie), amigas inseparáveis naquela inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro. Eram vistas por toda parte onde houvesse prazer; à tarde, antes do jantar, atravessavam o Catete em carro descoberto; a noite, no teatro, em um camarote de boca chamavam sobre si os velhos conselheiros desfibrados pela política e ávidos de sensações extremas. (Azevedo, 1986, cap. XXI.)

---

## 8. PALAVRAS FINAIS

Essas sugestões de atividades não pretendem de forma alguma apresentar-se como completas e cabe a cada professor verificar sua utilidade conforme sua realidade em particular, usando sua criatividade para adaptá-las. Preocupou-se aqui trazer uma reflexão sobre o trabalho com a obra literária: não basta entregá-la ao aluno, esperando que ele faça sozinho as relações necessárias para sua compreensão. Também não adianta trabalhar as características dos períodos literários sem que os alunos tenham lido os textos.

É preciso um trabalho sistemático das obras, o que exige do professor uma leitura aprofundada das mesmas e da teoria literária para que possa fazer as relações necessárias. Somente depois da leitura contextualizada é possível levar os alunos a refletirem sobre os estilos e períodos literários, comparando os diferentes estilos de cada livro estudado em sala.

Nesse sentido, para ajudar no trabalho essencial e criativo do professor recomenda-se para esta unidade a leitura de um artigo maravilhoso de Antonio Candido, no qual esse autor parte da crítica de uma análise dita estruturalista de *O cortiço* e a ultrapassa, enriquecendo-a e aprofundando-a, numa leitura interpretativa e “dialética” de *O cortiço*. Trata-se do artigo: “*Passagem do dois ao três*”, do qual segue um trecho abaixo: (ver referência)

Consequência: o que é próprio do homem se estende ao animal e permite, por simetria, que o que é próprio do animal se estenda ao homem. Pão para o homem e também para o burro; pano para o homem e também para o burro; pau para o burro e também para o homem. (aqui Candido está comentando o poema de Oswald de Andrade, “Mais valia crioula”).

Conclusão: equiparação última do homem ao animal, e não do animal ao homem, entendendo-se que se trata de homem = trabalhador. O dito não envolve, portanto, uma posição ontológica, mas sociológica, e visa ocultamente a definir uma relação de trabalho (ligada a certo tipo de acumulação de riqueza), na qual o homem pode ser confundido com o bicho e tratado de acordo com esta confusão.

N’O cortiço, João Romão não se distingue pelos hábitos da escrava Bertoleza: mas é o princípio condutor e animador da morada coletiva, de cuja exploração surda vai tirando os meios que o elevam no final do livro ao andar da burguesia, pronto para ser Comendador ou Visconde. Ri melhor quem ri por último. Quem ri por último no livro é ele, sobre as vidas destroçadas dos outros, queimados como lenha para acumulação brutal do seu dinheiro. (Candido, 2002, p. 53)

Para Antonio Candido, a literatura “é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores, e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (CANDIDO, 2000, p. 68). O trabalho do professor reside em colocar em ação um diálogo entre as obras e seus contextos. Em *O cortiço*, vimos um escritor, que se interessou também pela pintura, nas descrições dos ambientes e personagens ricos de detalhes, ele procurou criar um quadro vivo da capital do Brasil no final do século XIX, com cores, aromas e cheiros que continuam atualíssimos na nossa sociedade. Um pouquinho disso é o que se tentou fazer nesse trabalho.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ANTONIO, João. *Paulinho perna torta*. In: \_\_\_\_\_. **Leão de chácara**. São Paulo: Cosac & Naiffy, 2002. p. 98-156.

ANTONELLI, R.; VILACHÃ, F.; RODRIGUES, F. **Adaptação em quadrinhos de “O cortiço”**. São Paulo: Escala Educacional, 2007.

ASSIS, Machado. Pai contra mãe. In: \_\_\_\_\_. *Contos diversos*. São Paulo: Ática, 1988.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 16. ed. São Paulo: Ática, 1986. (texto integral de 1890)

BARBOSA, Adoniran. **Saudosa maloca**. (1955), Col. Folha, 2010, vol.7

CANDIDO, Antonio. A passagem do dois ao três. In: \_\_\_\_\_. **Textos de intervenção** (Apresentação e notas de Vinícius Dantas). São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. p. 51-76.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Schwarcz, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

LOUZEIRO, José. **Adaptação de O cortiço**. São Paulo: Scipione, 1999.

ROSA, R.; JAF, I. **Adaptação em quadrinhos de “O cortiço”**. São Paulo: Ática, 2009.

# APRESENTAÇÃO

Caros colegas,

Este trabalho faz parte de um Projeto de Intervenção na Escola “Aulas de Literatura no Ensino Médio: momentos para pensar a sociedade e compreender a vida”, orientado pelo Prof. Dr. Moacir Dalla Palma, da FAFIPAR, em Paranaguá. Foi realizado dentro do Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná-PDE, com o objetivo de oferecer aos colegas professores uma reflexão, acompanhada de sugestões de atividades para a prática nas salas de aula do Ensino Médio. Procurou apoiar-se na concepção da Sociocrítica em Literatura, procurando acompanhar as Diretrizes para a Educação Básica do Paraná em Língua Portuguesa. Trata-se apenas de uma Unidade Didática, parte de um Projeto maior que estará investigando e desenvolvendo outras atividades na escola que lhe deu origem.

Apresentamos aqui uma possibilidade de trabalho com uma narrativa longa, contextualizando-a e relacionando-a com outros textos literários e não-literários.